

RESENHA

Por Jovino Pizzi (FaE, UFPel)

FORNET-BETANCOURT, Raúl. *Tareas y propuestas de la filosofía intercultural*. Concordia Serie Monografías; Aachen: 2009, tomo 49.

A Epistemologia Como “Caminho Para Pensar O Saber Que Deveríamos Saber”

Raúl Fornet-Betancourt é professor da Universidade de Aachen (Alemanha), diretor do Departamento de América Latina do *Instituto Missio*, da *Revista Concordia*, além de coordenador do *Fórum de Diálogo Norte-Sul*. O último seminário foi realizado na EST (Escola Superior de Teologia), em São Leopoldo (18 a 20 de maio de 2010). O tema do XIV Seminário Internacional do Programa de Diálogo Norte-Sul foi *Vida cotidiana: Lugar de intercâmbio ou de nova colonização entre o norte e o sul*.

Sem dúvidas, Fornet-Betancourt é um dos grandes dinamizadores da filosofia, mais precisamente da filosofia intercultural. Para ele, “a filosofia pode e deve estar orgulhosa de sua tradição” e isso, reitera o filósofo, parece ser “algo realmente indubitável” (p. 117). Esse pensador cubano-alemão insiste na nobreza da filosofia. Não se trata de uma atitude saudosista e anacrônica, mas de uma filosofia “radical”. Nesse sentido, sua preocupação é com o tempo “presente”, uma forma de reorientação da filosofia, aspecto a que a grande maioria dos autores atuais tem dado uma particular importância. Por exemplo, Habermas insiste em uma filosofia para “o nosso tempo”; Apel salienta uma filosofia com “vinculação com a história” (*Geschichtsbezogenheit*). Foucault compara a filosofia a um “jornalismo radical”, porque “si nous voulons être maître de notre futur, nous devons poser fondamentalement la question de l’aujourd’hui. C’est pourquoi, pour moi, la philosophie est une espèce de journalisme radical.”

Como é possível perceber, o compromisso com o presente é, sem dúvidas, uma das características fundamentais da filosofia. Atualmente, quase mais ninguém se arroga pregador de uma filosofia pré-moderna, como se isso fosse a única forma

de salvar a própria filosofia. Por certo, os estudiosos do período medieval mostram a riqueza dessa época. Todavia, reduzir os argumentos a *cuestiones disputate* significa engessar a filosofia e, desse modo, perder de vista seu papel radical e seu compromisso com as questões de nosso tempo.

A clericalização da filosofia não passa, portanto, de um anacronismo e de uma atitude que despreza aqueles que se comprometem com a própria filosofia. O Brasil já viveu essa experiência e seria perigoso retomar essa perspectiva. Em vista disso, é possível entender o medo de uma filosofia crítica e criticadora. Em vista disso, pode-se afirmar que Raúl Fornet-Betancourt é um entusiasta da filosofia e está comprometido com os temas e as causas de nosso tempo. Para dar ênfase a uma filosofia comprometida e comprometedora, a obra *Tareas y propuestas de la filosofía intercultural* apresenta oito capítulos. Em um primeiro momento, o autor destaca a questão da hegemonia epistemológica que o saber científico exerce atualmente e descreve os elementos desse “aparelho técnico-industrial.” Para explicar essa questão, Fornet-Betancourt começa o primeiro capítulo afirmando que a filosofia não está ligada a dogmas, mas a perguntas e questionamentos. O título do capítulo traduz essa sua indicação: *O encontro das culturas do saber como caminho para pensar o saber que deveríamos saber*.

Este enunciado é, ao mesmo tempo, um chamamento e uma instigação. No fundo, só alguém comprometido com a filosofia e com o filosofar pode atrever-se a sustentar uma tarefa desse nível. Os que fazem da filosofia um simples jogo de interesses jamais chegariam a tanto. O máximo que eles conseguem é retrair-se e retomar argumentos anacróticos e sem qualquer pertinência. A tentação de transformar a filosofia em um simples jogo de interesses indica, por um lado, uma atividade submetida a regras que define vencedores e vencidos e, por outro, a busca de consolidar a hegemonia epistemológica de um único saber. Esse saber, presumivelmente hegemônico, se manifesta em afirmações como: nós temos a verdade, nós somos a verdade, somos a única verdade, e assim por diante.

A possibilidade de “pensar o saber que deveríamos saber” está ligada à diversidade epistemológica, isto é, a uma pluralidade de culturas do saber. Não se trata, pois, de uma única versão – seja ela de caráter cultural, religiosa, científica ou filosófica – mas de um “pensar” que tem consciência do que pensa e deveríamos saber, pois reconhece outras formas de saber, também válidas. Diante disso, é possível identificar duas atitudes, mas com rumos diferentes. Uma delas se

caracteriza pelo espírito colonizador, com orientação hierarquizável e androcêntrica. Ela faz parte de uma epistemologia que privilegia um saber único, transformado em saber instrumental e preocupado a otimizar um poder manipulável. A outra perspectiva procura descolonizar o aspecto cognitivo da univocidade do saber, começando pela recontextualização da diversidade de constelações de saberes, isto é, sem qualquer possibilidade para uma voz única e exclusiva.

A busca de alternativas é a maneira de enfrentar a univocidade e a homogeneidade. Esse esforço está imbricado na questão das identidades e dos direitos próprias de cada particularidade. Nessa direção, a filosofia procura contribuir à clarificação das noções fundamentais para este debate e contribuir pró-ativamente no sentido de assegurar uma convivência saudável. Esta perspectiva está presente no segundo capítulo do livro.

O terceiro, quarto e quinto capítulos tratam da questão do reconhecimento do outro. A ciência moderna não só aturdiu a filosofia, como também provocou aturdimiento na capacidade crítica, ou seja, impediu a percepção da pluralidade. Para enfrentar isso, Raúl propõe uma recapacitação no modo de fazer filosofia e na redefinição de conceitos, como cultura, interculturalidade, transculturalidade, identidade, tolerância e reconhecimento.

A ética intercultural tem em vista a complexidade das relações entre filosofia e mundos de vida. Trata-se, pois, de examinar o sentido da vida cotidiana diante do dogmatismo de alguns saberes acreditados como exclusivos. Nesse sentido, o *diálogo intercultural* é imprescindível, por dois motivos: a) porque, através da identificação, da estima e do apreço, reconhece e respeita a diversidade na sua uberdade; b) e, ao mesmo tempo, porque essa perspectiva exige um diálogo, através do qual os atores podem discernir que valores e costumes merecem ser cultivados e impulsionados e quais devem ser recusados.

Além do mais, o aspecto dialógico da ética intercultural presume que os sujeitos se sintam pertencentes a uma comunidade. O pertencimento e o sentir-se pertencente a uma comunidade de comunicação (dialógica, portanto) representam a garantia de poder cultivar seus sentimentos que, por um lado, os comprometem com a herança e a identidade da tradição na qual estão engajados e, por outro, remetem a princípios que ultrapassam os limites dessa tradição particular. A compreensão intercultural apresenta, portanto, uma dimensão mais ampla que a provincialidade e o horizonte de cada cultura, etnia, crença etc., a fim de contribuir produtivamente

para a tolerância e o respeito mundial, cuja harmonia se encontra no fato de conseguirmos conviver com quem é diferente da gente.

Os capítulos seis e sete do livro discutem a tríade “desenvolvimento (progresso) – tempo – história”. Para o autor, essa questão expressa a complexidade temática com importância decisiva para a situação atual da humanidade. Na verdade, elas sustentam as bases de uma civilização que, cegada pela ilusão do desenvolvimento ou progresso (no sentido ocidental moderno), converteu a história em instrumento para a dominação. Essa estrutura simplesmente enclausurou o tempo. O tempo se transformou em cronologia de fatos, cuja lógica do “progresso” acabou eliminando a diversidade das tradições filosóficas. Dessa forma, a história se transformou em um programa cronológico linear, deixando de lado as diversidades real, temporal, cognitiva, cultural, etc. (p. 104).

No fundo, a redução do tempo aos fatos cronológicos empobreceu ou, então, esvaziou o saber. Por isso, Forner-Betancourt propõe o *engrandecimento* da filosofia, isto é, insistir no fato de uma filosofia comprometida e comprometedora, não restrita ao aumento da produtividade, mas no reconhecimento da polifonia do mundo (p. 119). No fundo, trata-se de revisar as epistemologias filosóficas para, então, buscar alternativas à homogeneização (seja ela filosófica, religiosa, científica, cultural, etc.).

Por fim, o último capítulo procura resumir algumas das perspectivas do desenvolvimento que devem caracterizar a filosofia atual. Nesse sentido, vale lembrar que as mudanças que a filosofia vem sofrendo não são mais alheias a ninguém. Mesmo antes da guinada linguística, a filosofia desmontou a cultura cristã hierarquizada, sedimentada em um ordenamento teocêntrico. Ao mesmo tempo, a concepção clássica também passou por uma revisão, reformulando o tipo de saber integrado a um ideal de sabedoria eminentemente cosmológico. A representação moderna de um saber cientificizado, relacionado a uma forma de conhecimento perfeito e mecanicamente sincronizado, gerou – e está causando – enormes suspeições. Além do mais, esses modelos possuíam – ou ainda possuem – uma lógica predominantemente androcêntrica, dissimulada em forma de antropologia, com *status* de ciência, simplesmente para outorgar ao homem um saber encarregado de organizar idealmente o mundo conforme os padrões masculinos.

Raúl Fornet-Betancourt, além de apresentar essa temática nos seus livros, foi um dos participantes ativos na criação da ASAFTI (Associação Sul Americana de Filosofia e Teologia Interculturais). Trata-se de um fórum amplo e permanente para estudar a interculturalidade. São temas do fórum: a filosofia, a teologia, a literatura, a pedagogia, a história, a antropologia, o estudo de gênero, numa perspectiva intercultural. Essa rede se amplia com o Programa de Diálogo Norte-Sul. A revista *Concordia* é um dos veículos primordiais dessa discussão (www.druckservice-aachen.de ou www.verlag-mainz.de).

Enfim, a obra *Tareas y propuestas de la filosofía intercultural* salienta os aspectos relevantes de uma discussão aberta em torno a tema como a questão da hegemonia epistemológica que o saber científico exerce atualmente. Vale a pena insistir em ele trata de discutir a diversidade epistemológica de um mundo em globalização e com acentuada tendência à homogeneização. A hegemonia de um único saber rechaça a multiplicidade de constelações e até mesmo a pluralidade epistemológica. Nesse caso, a diversidade cede lugar ao requinte de uma padronização e da uniformização. O fato de não podemos separar a exigência de universalidade com a comunidade de vida é a expressão de que a sociedade não deve garantir apenas o reconhecimento de todos, mas criar adesão. Esse é o grande apelo dessa obra.

Jovino Pizzi, Doutorado em Ética y Democracia pelo Universitat Jaume I, Espanha(2002)

Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas , Brasil

Email jovino.pig@gmail.com